

O DIÁLOGO EM REDES SOCIAIS: O ACENTO VALORATIVO DAS PALAVRAS E O SENTIDO DOS ENUNCIADOS

DIALOGUE ON SOCIAL NETWORKS: THE VALORATIVE TONE OF THE WORDS AND THE MEANING OF THE ENUNCIATIONS

Karina Giacomelli¹
Sabrina Gonçalves D'Ávila²

Resumo: *Este trabalho se propõe a realizar um estudo da acentuação valorativa das palavras “discriminação/preconceito” e “confortável”, a partir da polêmica criada pela recusa de atendimento médico devido à divergência política, em um caso acontecido no ano de 2016, no Rio Grande do Sul, e que teve grande repercussão na mídia e nas redes sociais. Utiliza-se a teoria dialógica de Bakhtin como aporte teórico e, para a análise, posts da internet, retirados de uma página do facebook e de um blog, constituídos de comentários a respeito do caso. Com isso, verificou-se que a construção de sentido produzida nos enunciados, por pessoas de diferentes grupos ideológicos ao manifestarem seus julgamentos de valor e utilizarem as palavras acima em seu dizer, demonstra que princípio expressivo do discurso revela a relação valorativa do locutor, tanto com o objeto do seu discurso, como com os discursos outros.*

Palavras-chave: *Palavra; Acento valorativo; Teoria dialógica.*

Abstract: *This work aims to study the valorative tone of the words “discrimination/prejudice” and “comfortable” through the polemic of a medical assistance refusal due to political divergence happened in 2016 in Rio Grande do Sul State, Brazil, and it had great repercussions on the media and social networks. Bakhtin’s dialogical proposal is the theoretical basis here, and to make the analysis we used postings about the situation from a Facebook page and from a blog. We realized that the meaning construction produced on the postings by people from distinct ideological groups shows that discourse’s expressive principle reveals the valorative relationship of the speaker both to the object of his/her speech and to the speech of others.*

Keywords: *Word; Evaluative tone; Dialogism.*

1 Considerações iniciais

A representação do atual cenário social brasileiro, na internet, resume-se ao radicalismo, principalmente no que tange à polarização política das pessoas, que, no lugar de promover debates sensatos que respeitem o posicionamento de cada indivíduo perante a situação, estão posicionando-se, cada vez mais, de forma intolerante. Não raro, presenciamos, nas mídias sociais e na imprensa, exemplos de casos envolvendo ataques, discriminação e violência decorrentes de divergências partidárias, responsáveis por instaurar interações pautadas pela diferença ideológica.

¹ Professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Pelotas, Brasil, e-mail: karina.giacomelli@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Graduanda do curso de Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos. Pelotas, Brasil, e-mail: sabrinared.revisao@gmail.com

No último ano, em 2016, um caso envolvendo diferentes posições políticas, acontecido em Porto Alegre/RS, repercutiu em todo o país. Uma pediatra, que acompanhava um paciente de um ano desde que este nascera, enviou uma mensagem para o celular da mãe da criança, uma suplente de vereadora na capital, pelo PT, e ex-secretária estadual de governo entre 2011-2014, informando que estava declinando irrevogavelmente da condição de médica da criança por motivos de discordância política. O caso aconteceu um dia após serem divulgados áudios de conversas do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, que foram grampeadas pela Operação Lava Jato.

A polêmica gerada pelo caso foi muito debatida por pessoas de diferentes posicionamentos ideológicos, indo além do impasse gerado entre discordâncias políticas x responsabilidade profissional. Assim, houve quem defendesse a conduta da pediatra, como o próprio presidente do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul (SIMERS), que considerou ética e honesta a atitude da profissional, bem como o presidente da Unimed, que também concordou com o não atendimento pela médica. Já para o presidente da Associação Médica do Rio Grande do Sul (AMRIGS), houve desrespeito e radicalização na conduta profissional da pediatra. Especialistas no assunto compartilharam dessa opinião, considerando o caso como discriminação e afirmaram que aqueles que apoiam tal comportamento não só estão fazendo interpretação equivocada do Código de Ética de Medicina, como estão contra o que determina a Constituição Federal, no tocante à discriminação de um paciente.

O Código de Ética Médica, do Conselho Federal de Medicina, no Art. 7, Cap. I, traz que: “O médico exercerá sua profissão com autonomia, não sendo obrigado a prestar serviços que contrariem os ditames de sua consciência ou a quem não deseje, excetuadas as situações de ausência de outro médico, em caso de urgência ou emergência, ou quando sua recusa possa trazer danos à saúde do paciente”. Por outro lado, há que se avaliar o texto do Estatuto do CREMERS, que, no Art. 18, inciso II, aponta que: “Ao corpo clínico compete: prestar assistência médica aos pacientes, independentemente de cor, raça, religião, situação social ou política”.

Tomando a perspectiva desse embate de opiniões, o presente artigo pretende apresentar o estudo feito sobre os termos mais usados para caracterizar a polarização das ideias sobre o caso. São elas “discriminação/preconceito”, por um lado, e “confortável”, por outro, utilizadas por grupos de pessoas com posições políticas e ideológicas diferentes em comentários acerca do acontecimento, a fim de justificar o seu posicionamento frente à polêmica causada pelo não atendimento da pediatra por motivos políticos.

As palavras que compõem os discursos em questão serão analisadas quanto ao seu acento de valor, ou seja, o tratamento avaliativo que constitui todo enunciado, levando em conta as relações que ocorrem entre os interlocutores, enquanto ação histórica, compartilhada socialmente entre eles no atual contexto político do Brasil. Nesse sentido, as palavras são signos ideológicos, pois são constituídas de ideologia, marcadas por fatos, julgamentos de valor, acentos valorativos. Desse modo, são usadas pelos grupos que apresentam posicionamentos diferentes perante a situação em questão, enfatizando seus acentos apreciativos e avaliativos, conforme os pressupostos teóricos de Bakhtin (2000[1979]; 2002 [1975]), além das suas relações com a questão da ideologia de acordo com Bakhtin (Voloshinov) (1999 [1979]).

Como as palavras são indicadores de relações sociais, elas são sensíveis às transformações que acontecem na estrutura da sociedade e, por isso, registram as mudanças que aí ocorrem. Tudo o que é dito resulta das relações dialógicas que se estabelecem entre enunciados, que são organizados em torno de experiências com os objetos de sentido, daquilo que se lê e ouve, do que se compartilha. As palavras, que tomam forma nos enunciados, manifestam valores ideológicos contraditórios e têm seu sentido firmado pelo contexto em que ocorre, carregando os valores culturais que expressam as diferenças de opiniões e contradição de ideias numa sociedade, por isso, um fenômeno ideológico. Desse modo, estão carregadas “de um conteúdo ou de um sentido ideológico e vivencial” (BAKHTIN (VOLOSHINOV), 1999, p. 95). Contudo, a palavra não pertence a ninguém, está a serviço de qualquer ser humano e de qualquer juízo de valor.

As palavras, em suas propriedades e atuações na materialidade dos gêneros discursivos, estabelecem apreciação em relação aos eventos. Elas são habitadas de sentido e de juízo de valor e impregnadas por posicionamentos expressivos estabelecidos por quem escreve/fala que, dessa forma, seleciona palavras do contexto em que está inserido para demonstrar sua atitude emotivo-valorativa frente à realidade.

Nesse sentido, a análise aqui feita, centrada nas palavras “discriminação/ preconceito” e “confortável”, utilizadas por grupos de diferentes posicionamentos políticos para expor sua opinião sobre a polêmica no caso da pediatra que negou atendimento à paciente, por motivo partidário, permite demonstrar a forma como as pessoas usam o discurso para expressar sua posição ideológica, considerando a perspectiva da acentuação valorativa da palavra na teoria dialógica de Bakhtin.

2 Relações dialógicas na linguagem

A característica dialógica da linguagem é definida por Bakhtin a partir do conceito de diálogo, que pode ser definido como a alternância entre enunciados, entre acabamentos, ou seja, entre sujeitos falantes, entre diferentes posicionamentos. De acordo com o autor,

O diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal. Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a posição do locutor, sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma posição responsiva (BAKHTIN, 2000, p. 294).

O diálogo realiza-se na linguagem e refere-se a qualquer forma de discurso, quer sejam nas relações dialógicas que ocorrem no cotidiano, quer sejam em textos artísticos ou literários, livros, impressos. Assim, o diálogo, no sentido estrito, tal como é entendido usualmente, é apenas uma das formas da interação verbal, sendo que, na realidade, essa noção, no Círculo de Bakhtin, recobre toda a comunicação verbal.

Bakhtin considera o diálogo como as relações que ocorrem entre interlocutores, em uma ação histórica compartilhada socialmente, ou seja, que se realiza em um tempo e local específicos, mas sempre mutável, devido às variações do contexto. Por isso, não se trata do modo de representar dois parceiros como no esquema tradicional da comunicação, no qual o papel ativo cabe ao emissor e ao receptor resta a passividade da percepção e da compreensão da fala. Para o autor, quem participa como ouvinte de uma comunicação real, uma fala viva, o que ele denomina enunciado, tem um papel ativo:

O ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e essa atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor (BAKHTIN, 2000, p. 290).

A compreensão responsiva é mesmo antecipada pelo locutor, pois ele não espera que o seu interlocutor apenas reproduza o que ele diz, já que isso, iria apenas duplicar seu pensamento. O que ele espera é uma resposta, que pode ser uma concordância ou mesmo uma discordância, uma adesão ou objeção. Isso significa dizer que “toda compreensão é preche de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se locutor”

(BAKHTIN, 2000, p. 290). Como explica o autor:

Enquanto elaboro meu enunciado, tendo a determinar essa resposta de modo ativo; por outro lado, tendo a presumi-la e essa resposta presumida, por sua vez, influi no meu enunciado (precavenho-me das objeções que estou prevendo, assinalo restrições, etc.). Enquanto falo, sempre levo em conta o fundo aperceptivo sobre o qual minha fala será recebida pelo destinatário: o grau de informação que ele tem da situação, seus conhecimentos especializados na área de determinada comunicação cultural, suas opiniões e convicções, seus preconceitos (seus pontos de vista), suas simpatias e antipatias, etc.; pois é isso que condicionará sua compreensão responsiva de meu enunciado (BAKHTIN, 2000, p. 321).

Observa-se, então, que a compreensão é um processo ativo em que todo o dizer é orientado para a resposta. Mas, todo dizer é também orientado para o já-dito, internamente dialogizado. Por isso, o significado de diálogo, para o autor, é mais abrangente porque compreende que o próprio locutor também não é o primeiro locutor, porque se utiliza de enunciados anteriores aos quais o seu enunciado está ligado e com os quais mantêm vínculos de fundamentação, de concordância, de polêmica, etc. Desse modo, “Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” (BAKHTIN, 2000, p. 291).

A unidade real da comunicação verbal é, então, o enunciado, sendo que a fala só existe em forma de enunciados concretos do sujeito de um discurso real que faz com que os enunciados se relacionem uns com os outros.

O enunciado está repleto de ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra ‘resposta’ é empregada, aqui, no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles (BAKHTIN, 2000, p. 316).

As relações dialógicas dizem respeito tanto ao diálogo entre interlocutores, que se baseia na interação fundadora da linguagem, como à relação entre enunciados, ou seja, a ligação com os enunciados que o precedem e que o sucedem na cadeia da comunicação verbal, refletindo o processo verbal, os enunciados dos outros e os elos anteriores. Dessa forma, é uma expressão dupla do discurso: a sua própria, ou seja, a do outro, e a do enunciado que o acolhe. Em relação ao primeiro ponto, Bakhtin (VOLOSHINOV) enfatiza que:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém.

Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1999, p. 113).

Já considerando o segundo, Bakhtin aponta que, quando o locutor se refere a um objeto, não é o primeiro a fazê-lo – isso já foi feito antes, em outro lugar, outro momento por outros locutores, o que faz com que esse objeto esteja repleto de diferentes pontos de vista, de visões de mundo diversas. Por isso, em todo enunciado, encontram-se palavras dos outros, fazendo com que aí não circulem somente um discurso sobre o objeto, mas também o discurso do outro sobre esse objeto, mais ou menos explícito, em graus diferentes de alteridade. Assim, “A mais leve alusão ao enunciado do outro confere à fala um aspecto dialógico que nenhum tema constituído puramente pelo objeto poderia conferir-lhe” (BAKHTIN, 2000, p. 320).

O enunciado representa uma posição definida sobre algo somente a partir de outras posições, pois ele é repleto de reações-resposta a outros enunciados na efetiva comunicação verbal, que assumem formas variáveis. São tonalidades dialógicas que preenchem um enunciado: reprodução direta do enunciado alheio; introdução de palavras e de orações que representam enunciados completos que, tomados isoladamente, podem conservar sua alteridade ou serem modificados, revestindo-se de ironia, indignação, admiração, etc.; paráfrases que tenham por objetivo repensar o enunciado alheio ou a ele fazer referência por se tratar de opiniões conhecidas de um parceiro discursivo; pressuposição explícita; seleção de recursos linguísticos ou de entonações não determinada pelo objeto e, sim, pelo enunciado do outro sobre o mesmo tema.

Nesse sentido, Bakhtin ressalta que, frequentemente, a expressividade do enunciado é determinada não só pelo teor do objeto no discurso do locutor, como também pelos enunciados dos outros, aos quais o sujeito responde e com os quais polemiza. Esses enunciados-outros determinam a escolha de expressões mais ou menos contundentes, o tom provocante ou conciliatório, etc. Portanto,

A expressividade de um enunciado nunca pode ser compreendida e explicada até o fim se se levar em conta somente o teor do objeto do sentido. A expressividade de um enunciado é sempre, em menor ou mais grau, uma resposta, em outras palavras: manifesta não só sua própria relação com o objeto do enunciado, mas também a relação do locutor com os enunciados dos outros (BAKHTIN, 2000, p. 317).

Considerando que o enunciado é um elo na cadeia da comunicação verbal, ele

representa a parte ativa do locutor em relação ao conteúdo do objeto de sentido, e que faz com que ele escolha os recursos linguísticos e o gênero do discurso para tratar do tema do enunciado. Essa é, segundo Bakhtin, a fase inicial do enunciado, sendo que a segunda é a “necessidade de expressividade do locutor ante o objeto de seu enunciado.” (BAKHTIN, 2000, p. 308). Trata-se da relação valorativa com o objeto de discurso feito pelo locutor, ou seja, “um juízo de valor a respeito da realidade, que ele realizará mediante um enunciado completo” (BAKHTIN, 2000, p. 309).

3 Ideologia e valoração da palavra

O diálogo é identificado na ação entre interlocutores, diferentes sujeitos sociais que tomam a palavra e a representam, a ressignificam. O discurso nasce do diálogo como uma réplica e, por isso, os diálogos sociais não se repetem de maneira absoluta, mas não são completamente novos. Eles reiteram, no discurso, marcas históricas e sociais, que caracterizam uma dada cultura, uma dada sociedade. Assim, estão constituídos por outros enunciados, com os quais se relacionam, manifestando suas diferentes ideologias. Conforme o autor:

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios ideológicos existentes, tecido pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social (BAKHTIN, 2002, p. 86).

A palavra, como produto ideológico, é marcada por valores de uma época, sendo, portanto, signo ideológico de uma posição social e histórica. Ela manifesta valores ideológicos contraditórios e tem seu sentido firmado pelo contexto em que ocorre, carregando os valores culturais que expressam as diferenças de opiniões e contradição de ideias numa sociedade. É, por isso, um fenômeno ideológico.

As palavras são o indicador das transformações sociais, uma vez que são sensíveis às transformações na estrutura social e registram as mudanças que ocorrem. Tudo o que é dito resulta de uma formação sócio-ideológica, que é composta pelas experiências de experiências do sujeito, do que ele leu e ouviu, das ideias que compartilhou. Ou seja, ninguém é o dono do seu dizer, porque este está sempre impregnado de tudo o que o forma. Sendo assim,

Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua-orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto, histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que se pode afastar (BAKHTIN, 2002, p. 88).

Essa é, segundo o autor, a orientação dialógica do discurso, pois ele está sempre orientado para o discurso do outro. Quando o locutor enuncia, fala sobre um objeto que já está perpassado por ideias gerais, por apreciações de outros, por entonações valorativas, e o seu discurso vai se entrelaçar com esses discursos outros em interações complexas, vivas e tensas, com as quais se cruza, fundindo-se ou isolando-se. Desse modo, na sua relação com o objeto do dizer, o discurso encontra o já- dito, o conhecido, a opinião pública, etc., fazendo com que a concepção que tenha de seu objeto seja dialógica. Assim, “O discurso vive fora de si mesmo, na sua orientação viva sobre o objeto” (BAKHTIN, 2002, p. 99).

Para o autor, entre linguagens, quaisquer que sejam elas – línguas de diferentes épocas e períodos, linguagem diária, jargões profissionais, dialetos sociais, obras literárias -, há relações dialógicas, porque elas podem ser percebidas como pontos de vista sobre o mundo. E é justamente essa estratificação da linguagem que faz com que a linguagem não seja um meio neutro, mas sim marcada pela intenção do outro, tornando-a diferente e múltipla, lócus no qual os sistemas ideológicos e as abordagens do mundo se contrapõem entre si. Ou seja,

[...] a língua não conserva mais formas e palavras neutras ‘que não pertencem a ninguém’; ela torna-se como que esparsa, penetrada de intenções, totalmente acentuada. Para a consciência que vive nela, a língua não é um sistema abstrato de formas normativas, porém uma opinião plurilíngue concreta sobre o mundo. Todas as palavras evocam uma profissão, um gênero, uma tendência, um partido, uma obra determinada, uma pessoa definida, uma geração, uma idade, um dia, uma hora. Cada palavra evoca um contexto ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções (BAKHTIN, 2002, p. 100).

Como a linguagem é uma concretude sócio-ideológica e viva, permeada de opinião plurilíngue, Bakhtin afirma que a palavra da língua é uma palavra semi-alheia. Ela só vai se tornar própria quando o locutor a toma e impregna-a com a sua intenção, com o seu acento. Desse modo, a palavra não pertence a ninguém, está a serviço de qualquer ser humano e de qualquer juízo de valor. Ela pode assumir qualquer função ideológica, dependendo da maneira em que aparece num enunciado e da carga significativa que recebe a cada momento de seu uso.

O acento de valor (apreciativo, avaliativo) é uma condição de existência para toda a forma de enunciação. Assim, todo enunciado recebe um tratamento avaliativo, pois todo locutor toma, em relação ao outro, uma atitude responsiva acerca de uma realidade específica. A orientação valorativa que constitui o enunciado permite os vários sentidos que podem ser atribuídos a um mesmo segmento linguístico, bem como a reavaliação, o deslocamento de uma palavra determinada de um contexto para outro, o que marca sua apreciação social e evolução histórica.

Os acentos valorativos podem ser observados nos enunciados, através da entonação expressiva como tom irônico, autoritário, demagógico, etc.; que aparecem nas diferentes situações e contextos de comunicação discursiva. Por isso, ao enunciar, o locutor atribui valores, possibilidades de sentido ao que diz e aos outros dizeres, posicionando-se ideologicamente em relação ao outro.

Ao escolher o uso de uma determinada palavra, atribui-se um sentido a ela, e é através desse sentido que são transmitidos os valores sociais dos sujeitos. A partir disso, percebe-se a ideologia de um grupo, que dá vida à palavra com sua entoação e que dialoga com os valores da sociedade, expressando seu ponto de vista em relação a esses valores. Ao enunciar, o locutor não lida com a palavra isolada, nem com a sua significação, mas com o enunciado acabado e com o sentido desse enunciado; assim, a entonação expressiva pertence ao enunciado e não à palavra.

Segundo Bakhtin (2000, p. 310-11), quando se escolhe uma palavra, parte-se das intenções do todo intencional do enunciado, que é construído pelo enunciador de modo sempre expressivo. Desse modo, a palavra não é escolhida de acordo com a sua significação, que, por si só, não é expressiva e pode não corresponder ao objetivo expressivo do todo do enunciado, na relação com as demais palavras que dele fazem parte. Na criação de um enunciado, o “lampejo de expressividade” se dá no encontro da significação neutra das palavras (a significação linguística) com a realidade efetiva nas condições reais de uma comunicação verbal.

Por outro lado, o autor adverte que a escolha da palavra não é feita no sistema da língua, em uma neutralidade lexicográfica, pois, na realidade, ela é tirada de outros enunciados individuais, dos quais pode ter preservado o tom e a ressonância. Ou seja, as significações das palavras da língua, que garantem que todos possam usá-las e compreendê-las, fazem com que elas não sejam de ninguém, mas, ao mesmo tempo, são utilizadas na comunicação verbal ativa marcada pela individualidade e pelo contexto. Portanto,

Pode-se colocar que a palavra existe para o locutor sob três aspectos: como *palavra neutra* da língua e que não pertence a ninguém; como *palavra do outro* pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados alheios; e, finalmente, como palavra *minha*, pois na medida em que uso essa palavra numa determinada situação, com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade (BAKHTIN, 2000, p. 313) [grifo do autor].

A expressividade, então, não pertence à palavra, pois nasce do contato desta com a situação real, atualizada por meio do enunciado individual, como juízo de valor de um locutor individual, apresentado como enunciados que tomam forma e evoluem sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro. O autor define esse processo como uma assimilação mais ou menos criativa das palavras dos outros e não das palavras da língua. Assim, os enunciados estão repletos de palavras dos outros, que carregam sua própria expressividade - seu tom valorativo - que pode ser assimilada, reestruturada ou modificada pelo locutor ao tomá-las como suas.

4 A palavra no contexto das relações dialógicas no meio digital

Para a análise da valoração das palavras, recolhemos *posts* sobre o caso já citado, tendo como recorte inicial a interação verbal organizada em torno do diálogo entre interlocutores e entre discursos, tal como se estabelecem as relações dialógicas, dispondo-se da internet como *locus*. Partimos do comentário do presidente do Simers e de algumas das considerações feitas ao seu enunciado, que se configuram como enunciados-resposta, no que consideramos um simulacro de uma discussão não virtual.

Nesse mesmo sentido, Froehlich (2016), em estudo sobre comentários na web, tendo os *blogs* como objeto, também identifica a proximidade dos comentários com os diálogos do cotidiano, sobretudo no que se refere ao estilo verbal, destacando a condição dialógica da linguagem no exame da endereçabilidade dos comentários. Para a autora, a interação nos *blogs* possibilita que os internautas deixem comentários sobre o conteúdo postado, incrementando as interações ocorridas no espaço virtual. Desse modo, “a interface de comentários mostra-se como um espaço que permite visualizar, ao longo de determinado tempo, a circulação de discursos de diversas ordens” (FROEHLICH, 2016, p. 73-74).

Conforme a autora, quando se relaciona a noção de diálogo aos comentários, é preciso ressaltar que estes se configuram como réplicas, isto é, nascem como resposta a um enunciado anterior, o *post*, outro comentário, e, desse enunciado, advém o(s) tópico(s) que será(ão)

desenvolvido(s) dependendo do objetivo do locutor comentarista - o seu projeto de dizer. Assim, o conteúdo de cada comentário pode abrigar uma diversidade de projetos enunciativos, concretizados através de diferentes modos de endereçabilidade e entonações e, sendo o comentário uma réplica, é sempre dirigido a alguém, mesmo que não explicitamente, como nos casos em que o interlocutor não é mencionado no texto.

Portanto, conclui Froehlich (2016), a endereçabilidade é importante, já que, na visão bakhtiniana, o outro, o destinatário é uma instância interior ao enunciado, participando não apenas na etapa de interpretação - enquanto destinatário real - mas interferindo nas escolhas - lexicais, de tópicos- que o enunciado realiza para se antecipar à atitude responsiva do interlocutor. Eis daí o nosso segundo ponto de recorte no corpus, pois selecionamos apenas os *posts* com o uso das palavras “discriminação/preconceito” e “confortável”, as primeiras porque usadas em comentários- resposta ao post primeiro, no qual consta a segunda.

Usamos duas fontes da *internet*. Trata-se de *sites*³ de grande acesso por usuários de diferentes posições políticas, o que gera grande número de comentários. Nosso objetivo, para este trabalho específico⁴, é apresentar uma discussão sobre os efeitos de sentido nos enunciados selecionados, quanto ao seu acento expressivo em postagens no *blog* “O reacionário”, partindo-se do pressuposto de que estes são respostas a uma postagem contendo a declaração do presidente do Simers sobre o caso, retirada da página do *facebook* “Pragmatismo político”, em que é reproduzida a entrevista publicada no jornal Diário Gaúcho, sendo que o recorte apresentado no *blog* diz respeito à resposta a primeira questão, na qual ele utiliza a palavra “confortável” para justificar a atitude da médica, recorrendo, para isso, ao código de ética.

Essas palavras foram escolhidas porque, a nosso ver, expressam a forma como os sujeitos se posicionam, na atribuição de sentido a elas, manifestando seu acento valorativo perante o caso a partir da alteridade, configurando dois grupos com diferentes posições: aqueles que concordam com a recusa no atendimento e aqueles que discordam. Assim, mesmo que os enunciadores sejam marcados pela diversidade de experiências individuais, pelas contradições e confrontos de valorações e interesses sociais dos seus indivíduos, identificam-se pela relação binária (a favor/contra) revelada na expressividade frente ao caso e em relação aos outros discursos com os quais dialoga, seja como réplica, ou como recorrência ao já- dito.

Foram analisados os enunciados em que as palavras em questão estão inseridas,

³Disponíveis, respectivamente, em: <<https://www.facebook.com/PragmatismoPolitico/?fref=ts>> e <<http://blogreaca.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

⁴Este artigo é parte de um trabalho mais amplo de pesquisa que tem como objetivo verificar o uso das palavras citadas por usuários de ambos os *sites*. Apresentamos, aqui, apenas a análise dos posts que fazem parte do *blog*.

fazendo-se uma análise da relação que elas mantêm com as demais palavras do discurso que lhes dão suporte. Conforme Bakhtin/Voloshinov (1999), como o sentido é orientado pelo contexto, o locutor organiza seu enunciado em função de suas necessidades enunciativas concretas. E, ao fazer isso, utiliza-se da forma linguística no todo que é a enunciação, condicionando a sua compreensão ao seu sentido particular. Dessa forma, a palavra sempre se apresenta no contexto de enunciações precisas, em um contexto concreto, implicando sempre em um contexto ideológico também preciso, o que possibilita apreendermos a orientação conferida a ela em cada enunciado selecionado.

Isso permite mostrar a atribuição de sentido que as pessoas do grupo dão às palavras que escolheram para manifestar sua opinião, uma vez que, se o sentido muda com o contexto, podemos verificar a mudança do acento valorativo dado a ela. Ou seja, atentamos para o elemento expressivo do enunciado, que leva a escolha dos recursos lexicais para dar conta da relação valorativa do falante, tanto em relação com o seu enunciado, quanto com os enunciados outros que mobiliza na interação estabelecida na rede social.

O primeiro *post* que apresentamos é a resposta à pergunta *Como que o sindicato vê a atitude da médica?*, feita pelo jornal Diário Gaúcho ao presidente do Simers, que faz parte da publicação da página Pragmatismo Político e que foi reproduzida pelo blog O reacionário.

- Como que o sindicato vê a atitude da médica?
- É absolutamente ética. O código de ética médico tem um artigo que estabelece como deve se dar a relação entre médico e paciente. Tem coisas muito claras. Por exemplo, se é uma urgência ou se tu és o único médico da cidade, tu atendes e ponto. Não tem condicionais, é a tua obrigação. Tu não és o único médico da cidade e o paciente tem a possibilidade de escolher outros profissionais, daí tu tens que ser honesto, tem que ser leal com o teu paciente. Se tem alguma coisa que te incomoda e que tu achas que vai prejudicar a tua relação com o teu paciente, se tu não vais se sentir confortável, se não vai ser prazeroso para ti atender aquela pessoa, tu deves dizer para ela francamente: olha, prefiro que tu procures um colega. (...)

Figura 1 - *Post 1*: resposta do presidente do Simers
Fonte: Blog *O Reacionário*

A resposta do presidente do Simers coloca a palavra, a qual se quer destacar nesta análise, – “confortável” – como justificativa aceitável para a recusa ao atendimento. Esse adjetivo, segundo o dicionário Houaiss, relaciona-se a “conforto físico, bem-estar, segurança, livre de problemas, praticável, cômodo, livre de tensão ou estresse, tranquilo, possível, exequível, realizável”. No enunciado do médico, a palavra relaciona-se com “não se sentir confortável”, “incomodar”, “prejudicar”, “não ser prazeroso”. Em se tratando de uma

consulta, não é possível pensar em muitas dessas palavras como adequadas ao contexto. Não é usual referir-se a uma consulta como “consulta confortável”, “consulta cômoda”, consulta favorecida”. Desse modo, transferem-se tais palavras não à relação do médico com a paciente, uma criança, mas à da médica com a mãe da paciente, ambas com visões políticas distintas. Isso já demonstra que a atitude da médica não pode ser qualificada como “absolutamente ética” segundo o código de Ética, o qual tem “coisas muito claras”. Trata-se de uma acentuação valorativa em que o presidente de um conselho médico faz uso de palavras muito marcadas (“absolutamente”, “claras”) para corroborar o posicionamento da médica, seja por uma ideologia de classe, seja por ideologia política.

Observe-se que há um destaque sobre em que situações a médica deveria atender o paciente, mesmo lhe sendo desconfortável – ser o único médico da cidade ou haver risco de vida. Nesses casos, o profissional poderia ser “honesto” ou “leal” com o paciente e não atendê-lo. Na situação descrita, como há vários médicos na cidade, ele pode optar pelo não atendimento por não se sentir confortável. Ou seja, das significações que o dicionário elenca, citadas acima, somente podemos pensar que “não se sentir confortável” relaciona-se ao fato de que, por questões políticas, a médica não se sentiria bem fisicamente ou livre de problemas ou de estresse.

O que se deduz, portanto, é que as palavras recobrem-se de um elemento subjetivo, que rompe com a objetividade (e, conseqüentemente, com a neutralidade) da palavra no dicionário para dar conta da relação valorativa que o locutor estabelece, a partir de seu enunciado, com o caso em questão e com o outro enunciado com o qual dialoga, o do conselho de ética.

Os demais *posts*, de número 2 a 6, reproduzidos a seguir, são comentários-resposta a esse primeiro post. Ou seja, consideramos que, a partir da resposta do presidente pelo *blog*, estabelece-se um diálogo entre os leitores, que demonstra as atitudes responsivas que caracterizam os enunciados concretos. Escolhemos aqueles que se opõem à justificativa do não atendimento ao fato de a médica não se sentir “confortável”, usando, como contraponto, as palavras “preconceito” (e similares) e “discriminação”. Vejamos, rapidamente, um a um.

É uma vergonha absurda a completamente INQUESTIONÁVEL dessa médica, que fez algo preconceituoso, ridiculamente elitista e o pior de tudo, extremamente BURRO. O Brasil por estar formando médicos tão ignorantes e sem nenhum conhecimento cultural, nenhum carisma, nenhuma empatia e sem entender a responsabilidade dessa profissão criou médicas como essa que não entende que o PT é apenas um partido político! Com seus militantes, com gente que vota neles assim como os outros, e ideologia NUNCA deve ser usada para tais fins em um país democrático. Colocaram na mente completamente NULA desses médicos que os "coitadinhos" estão sendo escravos mesmo tendo o salário médio mais alto do Brasil. São pessoas assim que cravam de vez a luta de classes no Brasil, e são pessoas assim que no período nazista estariam começando atrocidades em nome da "ética" e "conduta" escrita em seus contratos. VERGONHA absoluta dessa galera, que ainda vai colher os lucros de tanta ignorância com um preconceito MASSIVO do povo contra a classe médica inteira, por causa de atitudes assim.

Figura 2 – Post 2: comentário 1

Fonte: Blog *O Reacionário*

O *post 2*, como uma réplica ao diálogo estabelecido com o dizer do presidente do Simers, coloca em questão a posição do locutor não apenas como uma atitude responsiva ao enunciado ao qual se constitui uma resposta, mas toda uma valoração sobre a atitude da médica e também sobre a própria profissão. Vemos, no entanto, que a expressividade do enunciado está centrada na questão do preconceito da atitude da profissional, que o locutor relaciona a toda uma classe que julga como tendo atitudes elitista, burra – esta fortemente explicitada, uma vez que escrita em caixa alta - e ignorante. São profissionais sem conhecimento cultural, de mente nula – também em caixa alta -, enfim, ignorantes que usam de conceitos como “ética” e “conduta”, descritos nos códigos como justificativa para “atrocidades”. Estabelece, então, uma relação dialógica com o dizer do presidente, com o enunciado representado pelo código de conduta da profissão e também com os discursos de lugar comum, que circulam sobre a classe médica atual qualificada como sem carisma, empatia ou conhecedora da responsabilidade que a profissão exige. É um processo de assimilação das palavras dos outros, que o locutor coloca em relação no seu enunciado, com o intuito discursivo de mobilizar as palavras necessárias para atestar seu juízo de valor sobre a classe médica e, conseqüentemente, sobre o episódio e sobre a justificativa dada pelo presidente do sindicato.

Médica particular recusar atendimento a petista é algo correto? Isso não se configura em preconceito, discriminação? Se eu recusar a vender uma sandwiche a petista estaria eu, correto? E o direito do consumidor??? "Petistafobia"??

Figura 3 - Post 3: comentário 2

Fonte: Blog *O Reacionário*

O *post* 3 é uma réplica clara ao *post* inicial, tanto que começa com uma indagação à respeito da correção da atitude da médica, lá colocado como “ético”. Assim, a palavra “correto” para se referir à recusa do atendimento expressa a posição do locutor, que ele ratifica ao usar as palavras “preconceito/discriminação” relacionadas ao neologismo, “petistafobia” e, posteriormente, ao “direito do consumidor”. No primeiro caso, sabemos que fobia se refere ou a “medo exagerado” ou à “falta de tolerância ou aversão”. É preciso, então, depreender o sentido dessa palavra a partir de suas significações que, no uso concreto da interação verbal, refere-se à aversão, o que remete ao intuito enunciativo do locutor em referir-se ao caso como preconceito ou discriminação. Isso demonstra que a escolha das palavras que compõe o enunciado leva em consideração o seu todo e que essa escolha revela a posição do locutor frente ao seu objeto de dizer, a sua expressividade. Por outro lado, também temos a relação com a questão do “direito do consumidor”, ou seja, também, aqui, a relação se faz com ter direitos, não ser segregado, discriminado. Apela-se à igualdade, inserindo-se o enunciado em uma cadeia de enunciados que defendem o tratamento igual a todos. Vê-se, portanto, que a alteridade manifesta-se de forma implícita, de modo que o já- dito produz sentido na referência que se faz a um discurso que circula antes (e certamente depois) desse enunciado.

Se não estiver confortável é melhor negar mesmo. Mas acho absurdo o ponto em que chegamos. Vejo muita gente com enorme preconceito ao atender presidiários. Eu mesmo atendo e não vejo problema. No momento da consulta, a única diferença é a presença de um policial de escolta.

Agora ela se sentir tão desconfortável por uma opinião política divergente é extremismo demais. Demonstra uma extrema intolerância que estamos vivendo. Deveríamos, como seres racionais (e ainda formados para promover saúde a outrem), no mínimo separar o que é pertinente à consulta e o que não é. Inúmeras vezes pacientes foram desrespeitosos comigo, porém estavam em momentos de fragilidade e, portanto, eu desconsidereei tais atitudes.

Penso que, principalmente nós, de uma classe considerada “superior” pelos que estão de fora (e por muitos de dentro também) deve ser superior a preconceitos e intolerância.

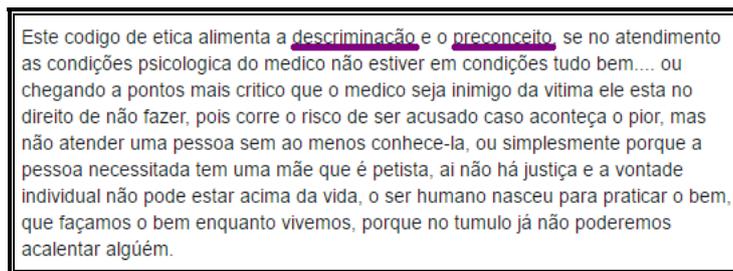
Não ao ódio!

Figura 4 - Post 4: comentário 3
Fonte: Blog *O Reacionário*

O *post* 4 retoma a palavra “confortável” usada na primeira postagem e com a qual estabelece uma relação dialógica marcada pela concordância. Vemos, então, que a alteridade se apresenta explicitamente, em uma réplica marcada pela palavra do outro. No entanto, há, no todo do enunciado, uma crítica a esse sentido com que o locutor parece de acordo. Percebemos que seu autor é médico e faz uso da palavra preconceito da mesma forma que vimos no comentário 2, ou seja, como uma forma de segregação de um grupo, aqui citando

presidiários. Seu juízo de valor sobre o caso, porém, não é de concordância como parecia inicialmente, pois o elemento valorativo do enunciado, quando o consideramos como um todo no qual deve estar expresso o intuito discursivo do autor, leva-nos a observar que ele se refere à recusa como “extremismo” e “intolerância”. Ele insiste ainda na discordância com a palavra “confortável”, usando seu antônimo “desconfortável”, valorando-a como algo não racional. O que vemos aqui é uma relação dialógica que se estabelece a partir do discurso do outro, parceiro da interação verbal que se estabelece entre dois sujeitos que uma situação de comunicação usual em redes sociais. Seu parceiro direto é o sujeito do primeiro *post*, ainda que a resposta se dirija a todos os leitores dos comentários do *blog*.

Por outro lado, há também outra relação com a alteridade no uso de um discurso outro, de um já dito, com o qual ele dialoga em seu enunciado. Na parte em que o autor coloca a classe médica como sendo “considerada ‘superior’”, vemos que o uso das aspas na palavra “superior” mostra que o locutor pretende marcar sua não adesão a esse discurso, que, circula entre os que não são médicos e mesmo entre os que são. Nesse sentido, mesmo se excluindo desse lugar discursivo, a questão do “preconceito” é valorada como não podendo fazer parte de quem se diz (ou se acha) superior. O elemento expressivo, que indica a relação valorativa do falante com o seu objeto de dizer – a questão do preconceito no não atendimento – e com os outros discursos parece indicar aqui que, mesmo tentando se excluir, o locutor faz parte de uma classe superior que não pode ser marcada pelo ódio e pela intolerância.



Este código de ética alimenta a discriminação e o preconceito, se no atendimento as condições psicológica do médico não estiver em condições tudo bem... ou chegando a pontos mais crítico que o médico seja inimigo da vítima ele está no direito de não fazer, pois corre o risco de ser acusado caso aconteça o pior, mas não atender uma pessoa sem ao menos conhecê-la, ou simplesmente porque a pessoa necessitada tem uma mãe que é petista, aí não há justiça e a vontade individual não pode estar acima da vida, o ser humano nasceu para praticar o bem, que façamos o bem enquanto vivemos, porque no tumulto já não poderemos acalantar alguém.

Figura 5 - *Post 5*: comentário 4

Fonte: Blog *O Reacionário*

No *post 5*, a relação dialógica entre enunciados se estabelece em relação ao código de ética no que tange à autonomia do médico para recusar atendimento quando houver contrariedade aos ditames de sua consciência ou a quem ele não deseje atender. Nesse caso, embora não haja a relação explícita com a alteridade, com a palavra do presidente do Simers, há, nessa réplica uma discordância com o enunciado inicial (do *post 1*) novamente com o acento expressivo colocado nas palavras discriminação e preconceito. Assim, há, por um lado,

a concordância com a recusa ao atendimento se observadas algumas condições, mas a condição política, por outro lado, não pode ser uma delas, já que o locutor está creditando isso a um posicionamento pessoal, o que não seria justo. Vê-se, aqui, que a exclusão se coloca em termos políticos, valorada como injusta, assim como as citadas em *posts* anteriores.

Não alimenta discriminação nem preconceito algum. Alimenta a LIBERDADE, compreende isso? Ou seu pensamento aponta como justa uma ideia socialista de privação de liberdades, tal qual Cuba?

Figura 6 - *Post 6*: comentário 5
Fonte: Blog *O Reacionário*

O *post 6* é uma réplica direta ao *post 5*, ou seja, é um comentário sobre um comentário. Vê-se, então, que as relações dialógicas se estabelecem no diálogo mais imediato, em discordância, ou mesmo no diálogo com o discurso outro, no caso com o discurso do código de ética, em concordância. Como se trata de um modo de interação em rede social, o comentário acaba se tornando mais abrangente do que uma resposta numa comunicação face a face. Ainda assim, mantém a característica do diálogo mais simples, mesmo que por meio diferente, definindo-se como um enunciado que corresponde a uma unidade da comunicação verbal, tem um acabamento, ou seja, expressa um intuito discursivo e é uma expressão individualizada, porque proferido por um locutor, mas também se relaciona com os outros parceiros da comunicação verbal, seja seu interlocutor direto seja os outros discursos já ditos.

Desse modo, a retomada das palavras do *post* anterior mostra que embora as palavras “discriminação” e “preconceito” pareçam ter o mesmo sentido para ambos os locutores (do *post 4* e *5*), elas não valoram o mesmo discurso de referência. Aqui, o juízo de valor sobre o enunciado (o código) faz referência à liberdade. Ora essa palavra não é usada no código, que traz “não sendo obrigado”; portanto, a escolha dessa palavra é uma escolha expressiva do locutor a fim de completar seu intuito enunciativo de contrapor liberdade à falta de liberdade (ou “privação”, como ele usa). Não por acaso, há, no enunciado completo, a colocação de um discurso outro do “socialismo” como privação de liberdade, dando o exemplo de Cuba, como um país onde não há liberdade. Assim, esse enunciado é constituído por relações dialógicas que consideram o discurso do outro imediato (o interlocutor ao qual seu *post* responde diretamente), do outro mais distante (o código), de outros também distantes (os demais leitores do *blog*) e de discursos outros, de já ditos que não mais podem ser indicados como tendo um locutor específico, mas que representam um discurso que circula em um dado grupo

social, revelando a sua valoração sobre o que entendem ser socialismo. Todos esses discursos aparecem no enunciado em graus maiores ou menores de alteridade, mas são igualmente constitutivos de enunciado e colaboram para seu sentido.

5 Considerações finais

A análise da interação verbal representada pelos *posts* permitiu observar que, no uso da linguagem, a palavra não só é revestida de uma carga sócio-cultural, mas, sobretudo, recobre-se da valoração que reflete uma posição ideológica inerente aos grupos sociais. Como a comunicação verbal viva faz com que o diálogo seja a forma de interação mais comum, a utilização da língua, feita a partir de enunciados concretos e únicos, sejam orais ou escritos, coloca frente a frente grupos que mantem relações com o seu objeto de dizer que podem ser de diversas naturezas.

Na esfera da internet, nas redes sociais, a interação que acontece nos comentários em páginas e blogs, por exemplo, demonstra que cada esfera da atividade humana tem as suas formas típicas de usar a linguagem, mas elas nada mais são do que elos que se articulam para produzir e fazer circular discursos que mostram os juízos de valor que os sujeitos fazem sobre a realidade. Assim, essas valorações nunca são individuais, pois dependem da relação com o interlocutor e com os discursos outros aos quais se filia, em concordância, discordância, rearranjo, resignificação, etc.

Neste trabalho, procuramos mostrar como essas relações dialógicas acontecem por meio de um estudo de caso. Verificamos, então, como, as palavras foram usadas em diferentes enunciados para mostrar que em cada um deles, o locutor, além de se posicionar frente ao seu objeto de dizer – no caso aqui tratado, a recusa de atendimento médico por razões políticas – relaciona-se com os dizeres/enunciados outros. E é justamente essa relação dialógica que lhe possibilita a expressividade ante o objeto de seu enunciado. São essas características do enunciado que fazem com que sejam escolhidos os recursos gramaticais que vão possibilitar o que o intuito enunciativo do enunciado se realiza, dando sentido a ele.

Na verificação das formas linguísticas que foram mobilizadas e nos significados apreendidos identificamos a atribuição de sentidos associados às palavras, bem como as atitudes, crenças e juízos de valor relativos à situação. Isso mostrou que o modo como cada locutor, por meio de um discurso individual formado a partir de (tantos) outros discursos, é diferente porque, embora as palavras sejam neutras e não pertençam a ninguém, mas a todos,

elas são recursos expressivos que expressam a atitude emotivo-valorativa ante uma situação específica. E, somente nesse contexto, poderão ter sentido. Um sentido que é global, dirigido a alguém, com uma finalidade específica, e que mostra que a língua nada pode sem a realidade concreta do enunciado na comunicação viva e real da interação verbal.

Referências

BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.

_____. **Os gêneros do discurso**. In: _____. *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. O discurso no romance. In: _____. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini et al. 5. ed. São Paulo: Hucitc/Annablume, 2002.

BRASIL, Resolução CFM nº 1931, de 17 de setembro de 2009. Dispõe sobre o **Código de Ética Médica**. Diário Oficial da União, Brasília, p. 90, 24 set. 2009. Seção 1.

FROEHLICH, M. Sobre o comentar na Web: algumas considerações. In: SOBRAL, A.; BOHN, H. (Orgs.). **Dialogismo**: bordas, fronteiras, imprecisões, sentidos. Pelotas: EDUCAT, 2016. p. 73-83.

RIO GRANDE DO SUL. Resolução nº 06/01, de 4 de dezembro de 2001, 05/02, de 7 de maio de 2002 e 06/2002, de 21/06/2002. Dispõe sobre o **Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio Grande do Sul**.

Data de recebimento: 5 de julho de 2017.

Data de aceite: 10 de dezembro de 2017.